

Homens gays em contextos interioranos no Brasil: Revisão crítica a partir do Modelo do Estresse de minorias

Sanches Max Jesus Viana

Elder Cerqueira-Santos

RESUMO

Esse estudo de Revisão Crítica e sistematizada da literatura se propôs a apresentar os principais estudos nacionais sobre gays em contextos interioranos no Brasil articulando os achados com os elementos previstos do Modelo do estresse de minorias. Metodologicamente através do Protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), a busca pelas produções priorizou estudos com resultados advindos de dados primários. Desse modo, foram recuperados 17 estudos nacionais sobre homens gays em cidades não-metropolitanas. Os resultados foram apresentados em quatro categorias: a) Experiências de vitimização, desde violência institucional, física e sexual, como agressões verbais, difamação e xingamentos; b) Homofobia internalizada, aspecto significativo que pode resultar em sentimento de culpa e baixa autoestima, afetando também as relações sociais; c) Ocultação da identidade, a partir do silenciamento da homossexualidade, podendo resultar em sofrimento psicológico, medo de rejeição e incompreensão; e d) Suporte social, como elemento protetivo e que é apresentado nos estudos pela sua existência significativa, parcial e também por sua ausência nas diferentes experiências retratadas. Assim, pode-se compreender que as experiências de estigma de homens gays interioranos no Brasil se configuram de forma mais potencializada e distinta.

Palavras-chave: cidades pequenas; estresse de minorias; gay; psicologia; saúde mental.

ABSTRACT

Gay men in small contexts in Brazil: A critical review based on the Minority Stress Model

This Critical and Systematized Literature Review study set out to present the main national studies on gays in rural contexts in Brazil, articulating the findings with the expected elements of the Minority Stress Model. Methodologically, using the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) protocol, the search for productions prioritized studies with results from primary data. In this way, 17 national studies on gay men in non-metropolitan cities were retrieved. The results were presented in four categories: a) Experiences of victimization, ranging from institutional, physical and sexual violence, such as verbal aggression, defamation and name-calling; b) Internalized homophobia, a significant aspect that can result in feelings of guilt and low self-esteem, also affecting social relationships; c) Concealment of identity, based on the silencing of homosexuality, which can result in psychological suffering, fear of rejection and misunderstanding; and d) Social support, as a protective element which is presented in the studies by its significant, partial existence and also by its absence in the different experiences portrayed. Thus, it can be understood that the victimization experiences of rural gay men in Brazil are more potentiated and distinct.

Keywords: small towns; minority stress; gay; psychology; mental health.

Sobre os Autores

S. M. J. V.
orcid.org/0000-0001-9805-838X
Universidade Federal de Sergipe
(UFS) – São Cristóvão, SE
sanchesmax@academico.ufs.br

E. C. S.
orcid.org/0000-0003-1116-6391
Universidade Federal de Sergipe
(UFS) – São Cristóvão, SE
eldercerqueira@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A diversidade sexual vem sendo objeto de diversos estudos no Brasil a partir de distintos campos epistemológicos e áreas do conhecimento (Cerqueira-Santos, 2021; Paz et al., 2020; Souza et al., 2022). Minorias sexuais é um termo científico referente a grupos de diferentes identidades sexuais não-heterossexuais e que, portanto, não correspondem a lógica heteronormativa, a exemplo de pessoas que se afirmam como gays, lésbicas e bissexuais – identidades essas que historicamente vêm sendo socialmente marginalizadas (Almeida-Segundo et al., 2021; Meyer, 1995; Silva & Robinson, 2021). A homossexualidade é um das identidades dentro da diversidade sexual mais estudada ao longo dos anos, porém, pode-se perceber que a maioria das pesquisas sobre diversidade se concentram tanto em contextos internacionais (Estrázulas & Moraes, 2019), como em contextos metropolitanos das grandes cidades (Jubany et al., 2021), assim, nota-se que recortes mais regionais, como no nordeste do Brasil, por exemplo, ou recortes mais localizados, como contextos interioranos, a produção teórica e empírica sobre diversidade sexual é bem menor (Gontijo & Erick, 2017; Tota, 2021).

A partir dos anos 2000, surgiram alguns estudos realizados na área das ciências humanas, principalmente da Antropologia, e de alguns campos das ciências sociais aplicadas acerca de diversidade sexual e de gênero em contextos interioranos e rurais. Fabiano Gontijo (2017) traçou uma importante linha cronológica que nos ajuda a compreender como foi se dando essas pesquisas no Brasil, o que se denomina de “contextos interioranos e situações etnicamente diferenciadas”, incluindo territórios rurais, indígenas, etc. Destacam-se inicialmente a tese de doutorado de Silva Nascimento e os artigos de Paulo Rogers Ferreira, em 2006 sobre a sexualidade no mundo rural brasileiro. Em 2010, a dissertação de mestrado de Luanna Mirella, tratou da trajetória biográfica da travesti Kátia Tapety, que exerceu cargos políticos numa pequena cidade rural do Piauí (Gontijo, 2017).

A partir da década de 2010, os estudos feitos por Martinho Tota e por Roberto Marques no Nordeste, abordaram a sexualidade divergente em contextos interioranos, entre indígenas da Paraíba, e em festas de forró eletrônico no interior do Ceará. Ainda nessa mesma década, teve-se Guilherme Passamani, estudando sobre homossexualidade com idosos interioranos na região pantaneira de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Silvana Nascimento vem empreendido pesquisas nos últimos anos sobre as experiências da diversidade sexual e de gênero em contextos rurais e interioranos da Paraíba. E o próprio Gontijo vem pesquisando sobre a experiência das sexualidades no mundo rural do Piauí e em contextos amazônicos no Pará. Por “fim”, os contextos indígenas também tem sido objeto de estudos, como os estudos sobre sexualidades da Cristina Donza Cancela, Flávio Leonel da Silveira e Almires Machado; estudos como os de Vanessa Lea a respeito do erotismo dos

não indígenas; e de Cecília MacCallum sobre a fragilidade do uso das categorias de gênero e sexualidade para tratar de realidades indígenas. Bem como a tese de 2015 do Estêvão Fernandes sobre “homossexualidade indígena no Brasil”. Além de alguns Dossiês elaborados nessa respectiva década, como o “*Diversidade sexual e de gênero em áreas rurais, contextos interioranos e/ou situações etnicamente diferenciadas – novos descentramentos em outras axialidades*”, de 2016, pela Revista de Antropologia do Centro Oeste - Aceno (Gontijo, 2017). Ademais, nos últimos anos, os estudos sobre diversidade sexual e de gênero, da Antropologia, por exemplo, vêm caminhando na direção de propor discussões na perspectiva de descentramentos e de interseccionalidade (Gontijo, 2024; Nascimento & Franch, 2020).

Apesar dos estudos sobre diversidade, em grande parte, priorizarem contextos metropolitanos, nota-se que a vivência da homossexualidade em cidades maiores apresenta alguns “privilégios”, como o anonimato e uma maior sensação de liberdade (Ferrari & Barbosa, 2014). Existem estudos que problematizam lógicas dualizadas, como urbano/rural, metrópole/interior, ou cidade grande versus cidade pequena, tornado a discussão mais complexa do que aparenta (Jubany et al., 2021). Considerando isso, existem autores, principalmente do campo da Antropologia, que demarcam uma problematização que escapa a tal lógica dual para caracterizar territórios, na direção de abarcar ruralidade e etnicidade em relação com o urbano (Domingues & Gontijo, 2021). No entanto, para situar melhor o uso do termo interior ou contexto interiorano, adotou-se a classificação proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos últimos anos, que classifica as cidades em cinco categorias, conforme sua dimensão e relações geográficas, as categorias consideradas aqui são: centros de zona, centros locais e arranjos populacionais, que abarcam cidades com até cerca de 100 mil habitantes (IBGE, 2018; Moura et al., 2021).

Viver numa cidade de interior ou pequena cidade sendo gay, e principalmente no Brasil, tem diferentes especificidades e consequências (Oliveira & Barbosa, 2021). Com isso, pode-se falar de acessos, autorizações, limitações, códigos, subversões e até significações. Pois nessa experiência é observado que a homossexualidade é praticada de forma discreta e não declarada, resultando em um silenciamento que quase simula sua inexistência, ao mesmo tempo em que destaca um preconceito mais manifesto. Ademais, de acordo com alguns estudos, em tais contextos é promovida uma intensificação e potencialização do gerenciamento dessas identidades minoritárias (Ferrari & Barbosa, 2014; Gontijo & Erick, 2017, Lira, 2018; Tota, 2021).

Um indicador importante de ser considerado nessa distinta experiência é a violência vivenciada por minorias sexuais. Tais violências podem ser percebidas de forma geral,

por exemplo, a partir de dados como os publicados no “Anuário Brasileiro de Segurança Pública”. Esse documento indica que a violência contra as minorias sexuais vem apresentando significativo crescimento, com 35,2% a mais de agressões, 7,2% a mais de homicídios e 88,4% a mais de estupros contra essa população. Supõe-se inclusive que esses números podem não representar a realidade, quando se considera a subnotificação de casos e a carência de mais fontes de dados oficiais sobre essa população no Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022).

A violência contra as minorias sexuais vem sendo caracterizada pelo termo Homofobia desde 1970, contudo, alguns estudos e perspectivas têm feito críticas significativas a esse termo, ainda que reconhecendo sua potencialidade política. Alguns estudiosos do campo da Psicologia têm proposto outras terminologias como preconceito contra diversidade sexual, como um termo mais coerente e que problematiza preconceito e atitudes, levando em conta alguma individualização desse fenômeno (Costa & Nardi, 2015). No entanto, tal entendimento não impossibilita que em alguns dados e estudos utilizem o termo homofobia, estabelecendo uma leitura do mesmo como um preconceito.

O Modelo do Estresse de Minorias, originalmente desenvolvido por Virgínia Brooks (1981) com mulheres lésbicas, foi posteriormente ampliado e difundido por Ilan Meyer (1995; 2003) para incluir outras minorias sexuais. Esse modelo explora a existência de estressores específicos para pessoas que pertencem a minorias sexuais, os quais se somam aos estressores do cotidiano. Esses estressores “extras” geram vulnerabilidades particulares para lésbicas, gays e bissexuais. O modelo sustenta que o preconceito contra a diversidade sexual gera estresse, resultando em consequências adversas para a saúde mental, física e até nas relações interpessoais das minorias sexuais (Meyer, 1995; 2003).

Os estressores específicos se dividem em: distais e proximais, sendo os distais os mais externos e que ocorrem na esfera social como as agressões verbais e físicas, denominado de Experiências de Estigma. Já os proximais relacionam-se com a singularidade de cada pessoa, de forma mais subjetiva, como homofobia internalizada, quando a pessoa interioriza o preconceito. A ocultação da identidade sexual ocorre a medida que se esconde e silencia a expressão da própria orientação sexual (Meyer, 1995; 2003; Meyer & Frost, 2013; Paveltchuk & Borsa, 2020). Outro elemento, de caráter protetivo e que será discutido é o suporte social, o mesmo pode minimizar os riscos de sofrimentos vividos por minorias sexuais. Esse suporte pode ser oferecido pela sociedade, família e até grupos minoritários (Meyer, 2015; Paveltchuk & Borsa, 2020).

A partir de tais articulações foi possível problematizar através da seguinte questão norteadora: “As pesquisas

nacionais com homens gays em contextos interioranos apresentam elementos previstos do Modelo de estresse de minorias?”. Nesse sentido, a presente Revisão crítica da literatura objetivou apresentar os principais e mais recentes estudos nacionais sobre gays em contextos interioranos no Brasil articulando os achados com o Modelo supracitado.

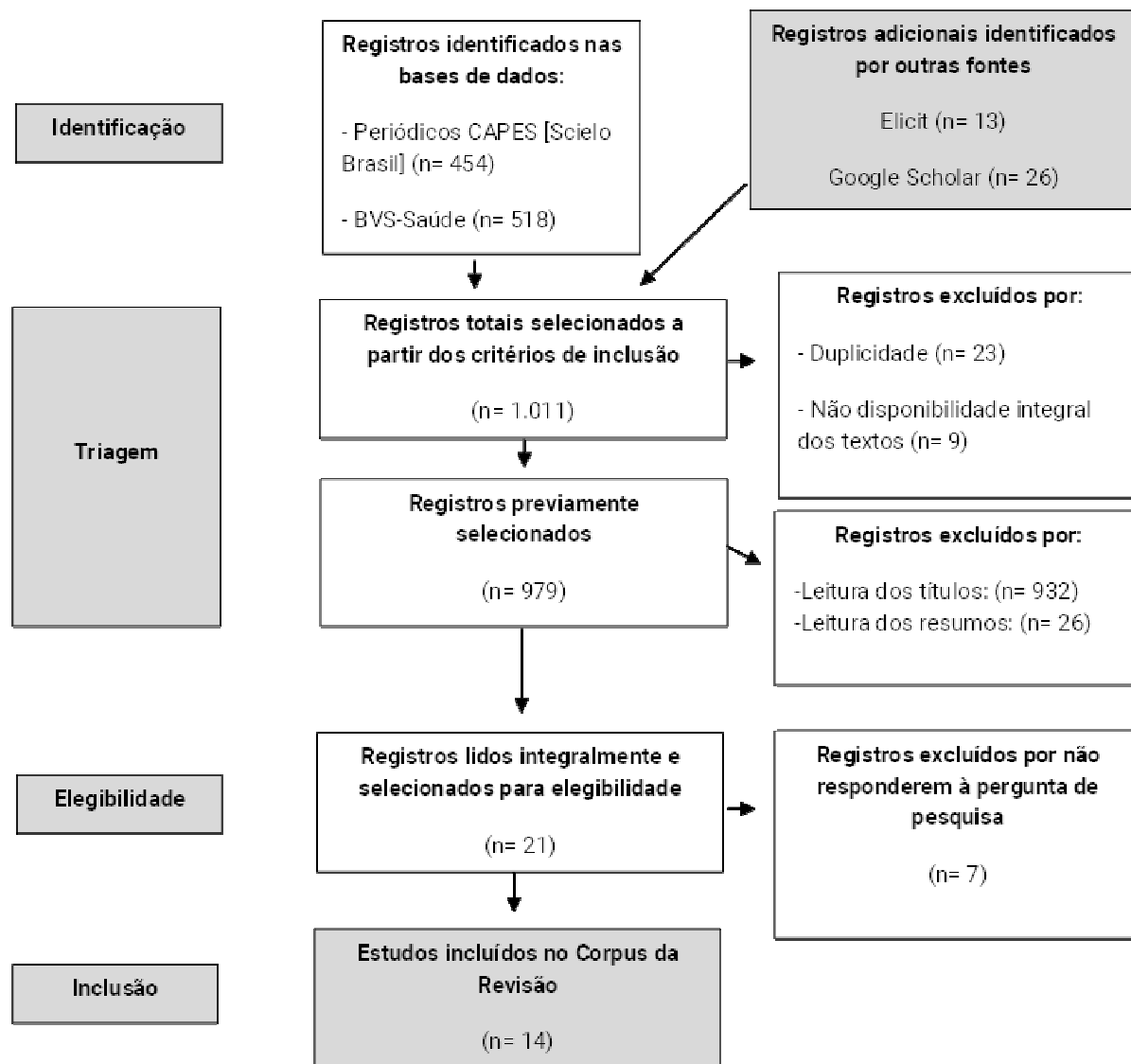
É fundamental expandir a compreensão do Modelo do Estresse de Minorias para contextos mais específicos, como cidades do interior. Esses contextos representam uma oportunidade para preencher lacunas na pesquisa sobre a aplicabilidade do modelo em contextos menores e de cidades pequenas (Meyer & Frost, 2013). Estudos sobre essa temática justificam-se porque as bases de referências de estudos que investigam as diversidades em intersecção com outros aspectos, em sua maioria não retratam o contexto brasileiro (Estrázulas & Moraes, 2019). Por isso, contextos mais interioranos, podem apresentar outros resultados, com intersecções entre diversidade sexual, psicologia da saúde, contexto, barreiras de acesso à saúde e outras esferas.

MÉTODO

Esse estudo trata-se de uma Revisão Crítica da Literatura realizada através de sistematização por meio do Protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) para revisões (Page et al., 2022). Além da adoção de diretrizes básicas sobre revisões da literatura no campo da Psicologia (Costa et al., 2022; Von Hohendorff, 2014). Foi empreendida a busca nas plataformas BVS-Saúde e Periódicos CAPES (Base Scielo Brasil), e estratégias adicionais de buscas por meio do: Elicit e Google Scholar. Para tal busca utilizou-se os descritores: “Gay”, “Homossexual”, “Minorias sexuais”, “Cidades pequenas” (todos cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde – DeCS, da Biblioteca Virtual em Saúde), e as palavras-chave: “Cidade de interior” e “Interior”, articulando todos com os operadores booleanos “AND” e “OR”.

Dessa forma, foram selecionados e recuperados 17 estudos nacionais, sendo que a busca por esses estudos foi realizada entre os meses de junho e setembro de 2023 pelo primeiro autor desse artigo. Como critérios de inclusão adotou-se: a) Artigos disponíveis em revistas e periódicos científicos revisados por pares; b) disponíveis na íntegra; c) com data de publicação entre os anos 2013 e 2023; d) no idioma português; e) estudos advindos de pesquisas com dados primários, qualitativas e quantitativas realizadas com seres humanos. Os critérios de exclusão foram: a) artigos e produções do tipo revisão de literatura; e b) artigos que não respondiam ao objetivo desse estudo, ou seja, que não abordassem sobre gays em contextos de cidades pequenas e de interior do Brasil. O percurso de busca pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma com processo de seleção dos estudos



Fonte: Fluxograma elaborado e adaptado pelos próprios autores (2023), a partir do modelo PRISMA (Page et al., 2022) com informações dos registros recuperados nas respectivas plataformas.

RESULTADOS

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS

Os 17 estudos selecionados para esta revisão advêm de diversas áreas do conhecimento como: Antropologia (Gontijo et al., 2016; Paiva, 2015; Tota, 2021), Ciências Sociais (Oliveira & Barbosa, 2021; Passamani, 2015; 2016), Educação (Franco & Salvador, 2020), Enfermagem (Parente et al., 2018), Geografia (Vasconcelos & Costa, 2018), História (Ferrari & Barbosa, 2014) e Psicologia (Albuquerque et al., 2016;

Cardoso et al., 2022; Lira, 2018; Martins et al., 2020; Santos & Teixeira Filho, 2014; Saraiva et al., 2022; Silva et al., 2015), conforme a Tabela 1. As áreas de estudo foram identificadas a partir de informações dos próprios artigos.

As pesquisas foram realizadas em distintos lugares geográficos, como: contextos interioranos de estados como Ceará (Albuquerque et al., 2016; Oliveira & Barbosa, 2021; Parente et al., 2018; Vasconcelos & Costa, 2018), Mato Grosso do Sul (Passamani, 2015), Minas Gerais (Cardoso et al., 2022; Ferrari & Barbosa, 2014), Pará (Gontijo et al., 2016), Paraíba (Tota, 2021), Paraná (Martins et al., 2020),

Pernambuco (Lira, 2018), Piauí (Gontijo et al., 2016) Rio de Janeiro (Franco & Salvador, 2020), Rio Grande do Norte (Paiva, 2015), Rio Grande do Sul (Saraiva et al., 2022) e São Paulo (Santos & Teixeira Filho, 2014; Silva et al., 2015), como pode ser visualizado na Tabela 1. Os contextos se configuram e se assemelham como sendo “*não metropolitanos*”, ainda que retratem especificidades e apresentem distinções entre si. Assim, não se tem neste estudo a pretensão de uniformizar conceitualmente os contextos e territórios.

É pertinente acrescentar que 15 estudos entre os 17 selecionados se ocuparam de pesquisar diversidade sexual, incluindo homens gays, a partir de pesquisas empreendidas com desenho e caráter qualitativo, sendo que apenas os estudos de Albuquerque et al. (2016) e Parente et al. (2018) são pesquisas com delineamento quantitativo. Outro aspecto importante de ser destacado é o enfoque dos diferentes estudos, considerando que 13 estudos enfatizaram a questão social e cultural; enquanto o aspecto da saúde foi abordado apenas por dois estudos (Albuquerque et al., 2016; Lira, 2018); além disso, um estudo teve como enfoque o contexto familiar, outro estudo enfatizou o âmbito educacional/escolar (Oliveira & Barbosa, 2021), e outro teve enfoque no âmbito organizacional da Psicologia do Trabalho (Cardoso et al., 2022).

O Modelo do Estresse de Minorias não é apresentado nas seções introdutórias ou fundamentação teórica dos estudos recuperados sobre gays no interior, o que é compreensível, considerando as diferentes áreas de conhecimento das quais os estudos advêm. Embora os 06 estudos da área da Psicologia não citarem ou discutirem o modelo. Em parte, os estudos recuperados teorizam a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, a partir de autores como Felix Guattari, Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Judith Butler, Michel Foucault, Paul Preciado, Stuart Hall, entre outros. Faz-se importante destacar que os estudos recuperados possuíam delineamentos mais qualitativos e descritivos, e não apresentaram métodos com objetivo de realizar comparações ou medidas.

As seguintes subseções apresentam elementos que dialogam com o Modelo do Estresse de Minorias e que foram encontrados nos estudos nacionais sobre homens gays em contextos de interior, a partir de aproximações e distanciamentos entre os dados dos estudos. As categorias de análise foram estabelecidas a priori, optou-se por considerar os elementos descritos em uma revisão de literatura recente acerca do modelo, a saber: *Experiências de vitimização*; *Homofobia internalizada*; e *Ocultação da identidade* (Paveltchuk & Borsa, 2020), e *Suporte social/familiar* como um aspecto que se relaciona com os estressores e que foi apresentado por Meyer e Frost (2013) na explicação do modelo.

EXPERIÊNCIAS DE VITIMIZAÇÃO

Os estudos descrevem uma variedade de eventos ou tipos de violência que homens gays em contextos interioranos enfrentam. Tais eventos abarcam: discriminação na escola, preconceito por parte da família, além de agressões físicas e verbais em espaços públicos, chacotas e estigmatização (Oliveira & Barbosa, 2021), exclusão social (Ferrari & Barbosa, 2014), injúria, ameaças e vigilância (Santos & Teixeira Filho, 2014). Por exemplo, o uso de termos pejorativos como “viados” e “boiolas”, expressando descrédito e contribuindo para o estigma social da homossexualidade. Em um dos estudos, são relatadas imposições de rejeição, como uma mãe que proíbe o filho de andar com um garoto gay da comunidade (Gontijo et al., 2016; Paiva, 2015). concepções negativas acerca da homossexualidade que incluem a ideia de pecado, doença e crime, influenciadas por crenças religiosas e noções de moralidade (Paiva, 2015; Silva et al., 2015), violência psicológica e pressões para alterar a orientação sexual e violência perpetrada por agressores conhecidos e desconhecidos (Albuquerque et al., 2016).

Os textos apontam também para: preconceito e hostilização em diferentes contextos, como instituições, espaços públicos e no acesso a serviços de saúde (Lira, 2018), violência sexual (Parente et al., 2018), difamação (Vasconcelos & Costa, 2018), maior propensão de minorias sexuais serem vítimas de violência doméstica e de violência policial (Franco & Salvador, 2020), homofobia e práticas culturais normativas, hierarquizantes e excludentes (Martins et al., 2020), críticas, olhares discriminatórios e dificuldade de emprego (Tota, 2021), a invisibilização de suas famílias, comentários preconceituosos e julgamentos sobre sua capacidade de criar filhos (Saraiva et al., 2022), além do preconceito nas organizações, assédio moral, comentários ofensivos, sabotagem, demissão injustificada, exemplos de manifestações de homofobia que afetam negativamente a vida profissional e pessoal de minorias sexuais (Cardoso et al., 2022).

Faz-se importante destacar que especialmente gays ou homens que fazem sexo com outros homens, que se apresentam de forma mais afeminada, são os mais vitimizados pela violência. Existem contextos, que praticamente não existe nenhum gay, pelo menos declarado. Se for pensar em trejeitos femininos, existem pouquíssimos homens que os expressam, no entanto são casados com mulheres e se autodeclaram “cabra macho”. Uma comunidade mais campal, por exemplo, lida com o machismo e a heteronormatividade de maneira mais intensificada que o ambiente urbano, por causa de questões geográficas e de valores socioculturais (Paiva, 2015).

Tabela 1. Informações sobre os estudos selecionados para a Revisão da literatura

Estudo	Título	Autoria/Ano	Revista ou Periódico	Subárea do conhecimento	Enfoque Metodológico
E1	Homossexualidades masculinas e cidade pequena.	Ferrari e Barbosa (2014)	Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades	História	Estudo qualitativo realizado utilizando o método de grupos focais com 08 homens homossexuais que são habitantes de Leopoldina, no interior de Minas Gerais (MG).
E2	Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista.	Santos e Teixeira Filho (2014)	Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades	Psicologia	Trata-se de pesquisa qualitativa, utilizando cartografia, realizada a partir de entrevistas transformadas em narrativas de 04 homens cisgêneros de idades distintas que se autodenominam homossexuais na cidade de Assis, Interior de São Paulo (SP).
E3	Arco-íris no campo: etnografia da "homossexualidade" masculina no ambiente Rural	Paiva (2015)	Cadernos de gênero e diversidade	Antropologia	Estudo etnográfico realizado numa comunidade camponesa do município de Baraúna/RN, através Da técnica de história oral com quatro rapazes com 19 a 23 anos de idade, que tinham experiências sexuais homossexuais.
E4	Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro.	Parente et al. (2018)	Revista de Salud Pública	Enfermagem	Estudo descritivo, de abordagem quantitativa, com formulário estruturado para coleta de dados com realizado com minorias sexuais nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará (CE), incluindo na amostra 162 homens gays.
E5	O casamento como "armário": histórias de um homem com conduta homossexual no pantanal de Mato Grosso do Sul.	Passamani (2015)	Sexualidad, Salud Y Sociedad	Ciências Sociais	Estudo qualitativo, a partir da perspectiva de "mapas de segurança", a partir dos relatos de 01 homem homossexual na cidade de Corumbá na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul (MS).
E6	As experiências da diversidade sexual e de gênero em quilombos do nordeste e do norte do Brasil: Para início de conversa	Gontijo et al. (2016)	Amazônia, Revista de Antropologia	Antropologia	Estudo com resultados preliminares das análises de narrativas biográficas ou relatos de vida de quatro rapazes de dois quilombos – um situado na Mata dos Cocais, no norte do estado do Piauí; o outro, na Amazônia paraense.
E7	Relacionamentos puros no tempo de antigamente: curso da vida e condutas homossexuais no Pantanal-MS	Passamani (2016)	Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste	Ciências Sociais	Estudo sobre a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cidades de Corumbá e Ladário, a partir de etnografia com 17 participantes.
E8	Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina	Silva et al. (2015)	Temas em Psicologia	Psicologia	Estado de São Paulo (SP), a partir de uma coleta com entrevista semiestruturadas e construção de Genogramas, e analisadas a partir da análise de Conteúdo de Bardin e da teoria sistêmica.
E9	Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil.	Albuquerque et al. (2016)	Saúde Em Debate	Psicologia	Estudo quantitativo realizado com 316 indivíduos LGBTT nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará (CE), incluindo na amostra 162 homens gays. O estudo foi realizado por meio de um conjunto de questões estruturadas.

Estudo	Título	Autoria/Ano	Revista ou Periódico	Subárea do conhecimento	Enfoque Metodológico
E10	Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco.	Lira (2018)	Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades	Psicologia	Estudo qualitativo, no qual foram entrevistadas três pessoas, a partir dos 60 anos numa cidade do sertão de Pernambuco (PE), utilizando entrevistas semiestruturadas, a amostra inclui 02 homens homossexuais.
E11	Os percursos e as vivências LGBT em Quixadá-CE.	Vasconcelos e Costa (2018)	Acta Geográfica	Geografia	Estudo com enfoque qualitativo, utilizou o método de pesquisa participante e acessou relatos de 07 pessoas LGBT em Quixadá, no interior do Ceará (CE). Porém o estudo não especifica quantos se autodenominam homens gays entre os participantes.
E12	"Todo mundo tá sempre tomando conta da vida dos outros": vivências e trajetórias LGBTQIA+ em contextos interioranos.	Franco e Salvador (2020)	Revista debates insubmissos	Educação	Estudo qualitativo, utilizou metodologia de bricolagem, a partir de relatos de 04 participantes LGBTQIA+, incluindo 01 homem gay, a pesquisa foi realizada nas cidades de Rio das Flores e Valença, no interior do Sul do Rio de Janeiro (RJ).
E13	Cuidado de si, modos de vida e práticas de liberdade: o fazer-se gay em cidades pequenas.	Martins et al. (2020)	Revista reflexões	Psicologia	Investigação qualitativa, usando métodos da cartografia, com 03 homens gays no interior do Sudoeste do Paraná (PR).
E14	A via-crúcis de Jonas no Sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual.	Tota (2021)	Cadernos Pagu	Antropologia	Estudo qualitativo realizado com um 01 homem gay na cidade de Catolé, no Sertão da Paraíba (PB).
E15	Coming Out e Homofobia no Trabalho: Experiências em Montes Claros-MG.	Cardoso et al. (2022)	Revista Psicologia: Organizações e Trabalho	Psicologia	Estudo qualitativo realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com 09 profissionais gays no município de Montes Claros, no norte de Minas Gerais (MG).
E16	Lesbofobia, Homofobia, Bifobia e Transfobia no contexto escolar de Crateús e Sertão dos Inhamuns.	Oliveira e Barbosa (2021)	Revista de Ciências Sociais	Ciências Sociais	Estudo qualitativo, a partir de entrevistas com 03 pessoas LGBTQ+, incluindo 01 homem gay na cidade de Crateús e no Sertão dos Inhamuns, no Ceará (CE).
E17	Paternidade gay: Algumas marcas do interior	Saraiva et al. (2022)	Psicologia Clínica	Psicologia	Estudo de campo, a partir do método cartográfico, com três casais masculinos, seis homens pais gays na faixa etária entre 25 e 45 anos, residentes em municípios do interior da região central do estado do Rio Grande do Sul.

Nota. Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2023)

Apesar da maioria dos estudos não ter tido o enfoque na saúde e/ou saúde mental dos participantes de suas pesquisas, foi possível identificar elementos ligados aos desfechos em saúde. Alguns textos indicam diretamente ou indiretamente que os possíveis desfechos em saúde para gays em contextos interioranos são geralmente mais negativos (Albuquerque et al., 2016; Cardoso et al., 2022; Parente et al., 2018; Saraiva et al., 2022).

Nesse sentido, as violências sofridas por homens gays que participaram dos estudos têm impactos físicos, resultando até em lesões (Parente et al., 2018; Tota, 2021). Outro estudo aponta que tal minoria enfrenta riscos à sua integridade física na cidade (Vasconcelos & Costa, 2018). Esse grupo minoritário também tem maior risco de desenvolver problemas de saúde física, além do risco à própria vida por causa do estigma (Albuquerque et al., 2016; Parente et al., 2015).

No que diz respeito à saúde mental e psicológica, destacam-se os desafios emocionais enfrentados por esse grupo, que demandam o desenvolvimento de resiliência para enfrentar tais dificuldades e adversidades relacionadas à identidade (Saraiva et al., 2022). Esses desfechos negativos indicam a necessidade de políticas públicas que protejam minorias sexuais em contextos interioranos (Albuquerque et al., 2016; Parente et al., 2015).

Os homossexuais alvos de preconceito em cidades pequenas adotam estratégias de dissimulação e buscam por espaços mais marginalizados para expressarem seus desejos, como banheiros públicos, saunas, disque-sexo e salas de bate-papo (Santos & Teixeira Filho, 2014), além de regiões arborizadas e isoladas (Paiva, 2015). Nesse sentido, outro estudo compreende que a realidade da violência sofrida por essa minoria contribui de algum modo, com a dificuldade de homossexuais – nesse contexto específico – conseguirem estabelecer relacionamentos mais “estáveis”, os que porventura assim desejarem (Ferrari & Barbosa, 2014).

HOMOFOBIA INTERNALIZADA

Uma parte dos estudos dá ênfase a homofobia internalizada, discutindo como a mesma acontece na vida de gays de cidades de interior. Diferentes autores afirmam que homens gays vivenciam um processo de luta interna, tentando pensar em outras possibilidades de desejo para se encaixarem nas normas heterossexuais predominantes. Essa internalização do estigma resulta em sentimento de culpa, vergonha e dificuldades emocionais (Cardoso et al., 2022; Franco & Salvador, 2020; Parente et al., 2015).

A partir dessa internalização, essas pessoas começam a acreditar que há algo errado com elas (Paiva, 2015). Isso pode levar a sentimentos de baixa autoestima e a comportamentos autodestrutivos, como abuso de substâncias e autolesão (Albuquerque et al., 2016; Parente et

al., 2015). Essa internalização afeta não só a autoestima, mas também as relações familiares e integração social. A ideia de uma masculinidade rígida e heteronormativa em um contexto de sertão, por exemplo, contribui para a perpetuação do estigma e limita a expressão afetiva e emocional dos homens gays, inclusive gays idosos (Lira, 2018).

Considerando homens gays idosos, um dos estudos com foco nesse recorte aborda a respeito das preocupações dessas pessoas em relação à saúde, solidão e falta de apoio na velhice. A discriminação enfrentada ao longo da vida, juntamente com a ausência de políticas sociais e acesso limitado à educação, trabalho e serviços de saúde, contribuem para desfechos mais negativos de saúde (Lira, 2018).

Esse processo estressor também afeta o desenvolvimento pessoal e profissional, e contribui para o silenciamento e a invisibilidade dessas pessoas (Oliveira & Barbosa, 2021). Um dos estudos destaca que a religião e suas interpretações acerca da diversidade sexual desempenham um papel importante na internalização do estigma e preconceito relacionados à homossexualidade. Pois tais crenças religiosas muitas vezes dificultam a aceitação e a mudança social, realizando uma manutenção de significados negativos ainda associados à homossexualidade (Silva et al., 2015).

Em cidades interioranas, homens gays apresentam riscos sociais e emocionais de desenvolver problemas de saúde mental associados à vivência da homossexualidade (Albuquerque et al., 2016; Franco & Salvador, 2020; Parente et al., 2015), como comportamentos de risco (Oliveira & Barbosa, 2022), ideação e tentativa de suicídio (Saraiva et al., 2021), inclusive quando se trata de um contexto mais conservador (Paiva, 2015; Passamani, 2015).

OCULTAÇÃO DA IDENTIDADE

A ocultação da identidade é retratada em alguns dos estudos a partir de alguns exemplos, a mesma afeta os indivíduos homossexuais levando a um silenciamento da homossexualidade e à restrição da expressão pública dessa identidade, o que pode resultar em sofrimento, medo e culpa (Ferrari & Barbosa, 2014). O medo de “ser descoberto” e o receio de ser alvo de discriminação levam essas pessoas a restringir suas expressões de desejo, limitando suas interações sociais e afetivas. A obrigação de manter a vida privada em segredo leva os indivíduos a lidarem com comentários públicos, fofocas e insinuações, o que reforça e contribui com a sujeição dos homossexuais a ocultar suas identidades (Gontijo et al., 2016; Paiva, 2015; Passamani, 2016; Santos & Teixeira Filho, 2014; Saraiva, 2022).

Tal necessidade de esconder a orientação sexual por medo do estigma acontece especialmente em papéis de liderança (Passamani, 2015). Pelo medo de serem

discriminados ou não conseguirem lidar com isso, minorias sexuais são levadas a ocultar sua orientação sexual, por exemplo, no ambiente de trabalho (Cardoso et al., 2022). Isso se dá porque o medo da rejeição e discriminação é um impeditivo da exploração plena da identidade (Tota, 2021). Ocultar a identidade sexual pode causar problemas emocionais e limitar a qualidade de vida dos indivíduos ocasionando sofrimento psicológico, culpa e vida dupla (Paiva, 2015; Saraiva et al., 2022). Tais desfechos em saúde são apresentados como resultado da interação entre as estratégias adotadas pelos indivíduos e o contexto social em que vivem (Santos & Teixeira Filho, 2014).

Minorias sexuais lidam com essa necessidade de esconder seus comportamentos e sentimentos, temendo a incompreensão e rejeição social, além de enfrentarem dificuldades em expressar sua orientação sexual diante de suas famílias (Silva et al., 2015). Tais minorias chegam a adaptar e moldar os comportamentos para evitar discriminação (Paiva, 2015). O medo de serem julgados ou agredidos influencia as formas de sociabilidade e como transitam e se apropriam dos espaços das cidades (Vasconcelos & Costa, 2018). Essas adaptações se relacionam com as pressões sociais e familiares para conformação junto à norma heterossexual, o que resulta em conflitos internos e na adoção de estratégias de negação ou ocultação de sua orientação sexual (Martins et al., 2020).

A falta de liberdade para expressar a orientação sexual e a limitação dos espaços de sociabilidade (Passamani, 2016) podem levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e baixa autoestima (Albuquerque et al., 2016), depressão (Ferrari & Barbosa, 2014) e isolamento social (Cardoso et al., 2022), afetando negativamente a saúde mental e bem-estar geral (Martins et al., 2020; Parente et al., 2015; Saraiva et al., 2022; Silva et al., 2015).

SUPORTE SOCIAL E/OU FAMILIAR ENTRE GAYS INTERIORANOS

Os estudos também apresentam um aspecto que se relaciona com os estressores que compõem o Modelo do estresse de minorias: o Suporte social. Ressalta-se que apesar desse elemento não ser um pilar do modelo, os estudos brasileiros sobre homens gays no interior destacam esse aspecto de diferentes formas.

Embora no início possam enfrentar dificuldades e resistência por parte de seus pais, com o tempo, muitas dessas pessoas são aceitas por suas famílias. Porém, até que esse apoio seja alcançado, muitos jovens têm a imposição de levar uma vida mais distante da família. Além disso, destaca-se a importância do apoio mútuo entre as próprias minorias, formando grupos de amigos que se ajudam e se unem contra o preconceito (Franco & Salvador, 2020; Gontijo et al., 2016).

Alguns dos textos apontam para um suporte social e familiar mais limitado (Parente et al., 2015; Passamani, 2015; Silva et al., 2015), e para relações familiares exercem controle e regulação sobre os indivíduos, utilizando da religião inclusive, assim como as normas sociais e sexuais operantes nos espaços públicos. Desse modo, a vigilância social presente nas cidades pequenas dificulta a formação de redes de apoio e amizades entre minorias sexuais. Além disso, o medo de ser "descoberto" e a possibilidade de retaliação por parte da família também podem limitar o suporte social disponível para essas pessoas (Paiva, 2015). Logo, a busca por espaços de homossexualização, como bares, boates e festas, pode fornecer um senso de comunidade e pertencimento para alguns indivíduos (Cardoso et al., 2022; Ferrari & Barbosa, 2014; Passamani, 2015, 2016).

Já outros estudos indicam uma ausência de suporte social e familiar, a qual é percebida pois esse suporte é escasso e as relações são frequentemente vividas de forma discreta. Sugerindo inclusive que a falta de grupos identitários pode limitar o suporte social disponível para os indivíduos homossexuais (Ferrari & Barbosa, 2014). A busca por amigos é uma forma de reação ao estigma, tendo em vista que muitas famílias não aceitam e não convivem bem com familiares que se identificam como minorias sexuais, resultando nessa falta de apoio familiar (Albuquerque et al., 2016; Lira, 2018). Assim, busca-se o apoio de grupos de iguais, com os quais compartilham ideias e comportamentos, e que essas redes de amizade e suporte mútuo são importantes para enfrentar os desafios e estigmas vivenciados. O que pode ser considerado como uma estratégia de apropriação de espaços para se obter uma sensação de segurança (Vasconcelos & Costa, 2018), inclusive em espaços mais urbanos (Gontijo et al., 2016).

Outra estratégia é buscar apoio em comunidades políticas e grupos de resistência (Martins et al., 2020), e até mesmo parcerias com outras ONGs, instituições governamentais e figuras públicas locais que contribuem para a realização de eventos e atividades políticas para minorias sexuais (Tota, 2021). Diante disso, é importante enfatizar que a falta de suporte e compreensão por parte de familiares, professores e colegas de escola pode contribuir para o isolamento e a discriminação enfrentados pelas minorias sexuais (Oliveira & Barbosa, 2021).

DISCUSSÃO

A partir da análise dos estudos são apresentados diversos tipos de violência enfrentadas por homens gays em ambientes rurais e interioranos, como agressões físicas e verbais, estigmatização e exclusão social. Também são abordadas ideias negativas sobre a homossexualidade influenciadas por crenças religiosas. A perspectiva mais negativa sobre a diversidade sexual é adotada por algumas

vertentes religiosas no Brasil, principalmente o Cristianismo, no catolicismo e nas diversas correntes evangélicas (Natividade, 2006; Natividade & Oliveira, 2009). Apesar dos discursos contra minorias sexuais terem modulações distintas dentro do cristianismo, é possível distinguir três aspectos na narrativa dessas religiões acerca da diversidade sexual: *cura*, perspectiva psicologizante na esfera religiosa; *libertação*, adotando uma noção de possessão demoníaca; e *restauração sexual*, que se relaciona com a ideia de adequação a heteronorma (Natividade, 2006). Tal realidade vai ser denominada pelos autores de *homofobia religiosa* e *homofobia pastoral* (Natividade & Oliveira, 2009). A literatura sobre o Modelo de Estresse de minorias vai denominar de preconceito institucionalizado aquele que ocorre em vários ambientes como escola, igreja, local de trabalho, instituições de saúde, espaços públicos e inclusive na família (Meyer, 1995; 2003).

Os estudos revisados enfatizam um processo de luta interna, no qual os indivíduos buscam se enquadrar nas normas predominantes, resultando em auto culpabilização e dificuldades emocionais. A internalização do estigma impacta negativamente a autoestima como também as relações familiares e sociais desse grupo minoritário. Além disso, esse processo estressor provoca prejuízos no desenvolvimento pessoal e profissional.

Os estressores proximais estão relacionados as particularidades de cada pessoa, de maneira mais intraindividual e subjetiva, ou seja, é como ela processa e lida com as experiências de vitimização perpetradas pelo preconceito. Esses elementos são descritos no modelo do estresse de minorias como homonegatividade internalizada e ocultação da identidade sexual (Meyer, 1995; 2003; Meyer & Frost, 2013). Esses estressores específicos enfrentados por grupos minoritários estão relacionados às experiências de estigma e às dificuldades enfrentadas por minorias sexuais ao lidarem com sua orientação sexual. Levando-as por exemplo, a desenvolver de expectativas de rejeição e até mesmo à necessidade de esconder sua orientação sexual (Meyer, 2003; Paveltchuk & Borsa, 2020).

Os estudos também abordam sobre a ocultação da identidade homossexual, que em contextos de interior, também impõe um silenciamento e restrição na expressão pública da orientação sexual. O medo de ser "descoberto" numa cidade pequena e a ameaça de discriminação acabam restringindo interações sociais e afetivas de homens gays. A pressão para evitar rejeição e violência leva as minorias sexuais a adaptarem e performarem no cotidiano correspondendo a heteronormatividade por causa das exigências sociais e familiares, resultando inclusive em conflitos internos. Nessa direção, o Modelo do Estresse de minorias compreende e explicita o impacto do preconceito a partir de estressores adicionais que minorias sexuais vivenciam e que se relacionam a outros aspectos, tais como

suporte social e status de minoria, e que podem resultar em desfechos de saúde mais positivos ou mais negativos (Meyer & Frost, 2013).

As pesquisas que compuseram o corpus dessa revisão também retrataram acerca do Suporte social que minorias sexuais demandam. Homens gays do interior acabam sendo impostos a uma vida mais distante da família em razão da falta de suporte. Também é abordado sobre um suporte mais parcial ou limitado, que envolve a tentativa de a família gerenciar a orientação sexual do seu familiar. Porém existem experiências de suporte significativo apresentadas pelos textos. É importante destacar que minorias sexuais adotam estratégias de enfrentamento e busca por suporte e apoio, por exemplo, entre os próprios grupos minoritários e também em espaços de homossexualização, que propiciam senso de pertencimento para essas pessoas.

O suporte social tem sido reconhecido como um fator essencial de proteção, reduzindo os riscos de sofrimentos psicológicos vividos por minorias sexuais (Paveltchuk & Borsa, 2020). Além do apoio social em geral e familiar, o apoio proveniente da comunidade minoritária também exerce uma função protetiva. Assim, o suporte familiar, a formação de novas redes de apoio e a identificação com outros indivíduos gays, por exemplo, são elementos cruciais para o bem-estar das pessoas que fazem parte desse grupo (Meyer, 2015).

Os desfechos e aspectos em saúde também foram retratados em algum nível nos estudos revisados, apesar de parte não ter tido enfoque na questão da saúde. Destaca-se que em contextos interioranos fica evidente que minorias sexuais, especificamente homens gays, enfrentam desfechos mais negativos em saúde, que envolvem desde lesões por causa de violência física e maior propensão a problemas de saúde física, como também questões relacionadas à saúde mental, desafios emocionais, baixa autoestima e comportamentos autodestrutivos resultantes da internalização de estigmas. Além disso, problemas emocionais, como ansiedade, depressão e isolamento social, são potencializados pela ocultação da identidade afetando negativamente a saúde mental e o bem-estar geral.

Tais dados dos estudos revisados dialogam com outras pesquisas sobre diversidade sexual e sobre homens gays no Brasil. Essas pesquisas, com enfoque na saúde, apontaram resultados negativos em saúde para esta população (Cerqueira-Santos et al., 2020; Natarelli et al., 2015; Tavares et al., 2022). Inclusive com relação a saúde mental, um aspecto a ser considerado, é que minorias sexuais costumam apresentar maiores índices referentes a ideação e comportamento suicida (Carvalho et al., 2019; Teixeira-Filho & Rondini, 2012). A Psicologia da Saúde pode contribuir nas investigações sobre esses fenômenos, fortalecendo e ampliando a ciência psicológica na saúde para além da reforma psiquiátrica e da clínica mais tradicionalista (Böing &

Crepaldi, 2014). Para tal, é essencial potencializar uma visão de saúde mais integral, que contemple e considere a diversidade sexual como um aspecto relevante na vida das pessoas (Anzolin & Moscheta, 2019; Mello & Teo, 2019).

Diante da discussão até então estabelecida, entre os dados dos estudos que compuseram o corpus dessa revisão e os achados dos estudos sobre homens gays, estresse de minorias e saúde – faz-se importante abrir um parêntese e problematizar algumas questões. No campo da Antropologia brasileira, o conceito de interioridade é problematizado a partir do entendimento de que espaços interioranos ou etnicamente diferenciados não necessariamente são o oposto do urbano, do civilizado e do desenvolvido. Nesse sentido, é importante demarcar que estereótipos como o da perspectiva sobre o *interior* como sinônimo de atraso e conservadorismo, lugares sem expressão de diversidade cultural como os grandes centros urbanos (Gontijo, 2021; Domingues & Gontijo, 2021). Estereótipos como esse são considerados e problematizados quando nos deparamos com distintos dados de diferentes estudos, situados em múltiplos contextos. Portanto, destaca-se que foi pretensão desse estudo essencializar contextos, comportamentos e processos da subjetividade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pretensão de se debruçar sobre as produções existentes e mais recentes sobre gays em contextos interioranos no Brasil, foi possível realizar uma revisão crítica a partir desses estudos em diálogo com o Modelo do estresse de minorias. De acordo com os estudos, foi possível identificar estressores distais e proximais afetando a vivência de homens gays em contextos interioranos, a partir de diversas expressões de violência. A antecipação da rejeição e a ocultação da identidade aparecem nas pesquisas como estressores proximais que podem levar a dificuldades emocionais e conflitos internos. A internalização do estigma é destacada como um aspecto significativo, resultando em sentimento de culpa e baixa autoestima, afetando também relações familiares e a integração social.

Alguns estudos relatam a existência de um apoio social e familiar significativo e a importância do apoio mútuo entre as próprias minorias. Outros estudos apontam para um suporte social e familiar mais limitado, com familiares exercendo controle e regulação. A busca por espaços de homossocialização, conforme alguns dos estudos, pode fornecer um senso de comunidade e pertencimento. Enquanto que outra parte das pesquisas apresentam a ausência de suporte social e familiar, com as relações sendo vividas de forma discreta. As diferentes estratégias adotadas pelas minorias sexuais, incluindo homens gays, incluem a busca de apoio em grupos de iguais, comunidades políticas e parcerias com organizações.

Muitos dos estudos evidenciaram os desafios emocionais enfrentados pelas minorias sexuais, risco de problemas de saúde mental, como ansiedade, baixa autoestima e depressão, afetando negativamente o bem-estar geral. Em cidades interioranas, homens gays enfrentam riscos sociais e emocionais relacionados à vivência da homossexualidade. Além da saúde mental, a saúde física também é afetada pelas violências sofridas por homens gays, com impactos físicos e maiores risco de desenvolver outras doenças.

A presente revisão da literatura consegue contribuir para o avanço e ampliação dos estudos sobre o fenômeno à medida que consegue identificar alguns dos aspectos considerados no modelo teórico do estresse de minorias, ainda que os estudos não tenham adotado tal perspectiva. Além disso, é notório que a vivência da orientação sexual de homens gays em contextos de interior potencializa os elementos estressores. Tal potencialização pode acontecer quando o suporte social ou as especificidades da identidade de minoria são minimizados, ou até maximizando os processos distais e proximais de estigma. Em suma, as experiências de ser gay no Brasil, em contextos interioranos, segundo os estudos, diferem e apresentam mais complexidades comparadas às vivências de homens gays em grandes centros e metrópoles. Essas diferenças podem ser percebidas na realidade do anonimato e relações afetivo-sexuais na clandestinidade; no gerenciamento das identidades e expressões por alguns contextos mais conservadores; a falta de suporte familiar e espaços de acolhimentos e socialização entre minorias sexuais; e na ocultação da identidade sexual diante da possibilidade de estigma e processos de distintos de violência.

O Modelo de estresse de minorias vem sendo utilizado e ampliado, porém, não ser discutido nas pesquisas que tratam sobre gays em contextos interioranos no Brasil indica uma lacuna importante de ser observada. Também foi percebido que a maior parte dos estudos, por terem caráter mais qualitativo, situados em distintos contextos, e possuírem amostras menores, resultou em dados “menos generalizáveis” – o que requer cuidado na discussão dos achados. Por isso, adotou-se uma síntese mais descritiva e qualitativa dos textos. Além disso, os elementos das especificidades da identidade minoritária – proeminência, valência e integração – não são apresentados nos estudos de forma explícita, configurando assim, ausência de dados para melhor compreender o modelo a partir de pesquisas realizadas em cidades pequenas e contextos de interior. Como limitação desse estudo, considera-se a ausência de um segundo juiz na etapa de busca e seleção dos artigos para o corpus da revisão, realizada apenas pelo primeiro autor. Outra limitação foi a “inevitável” homogeneização dos contextos das pesquisas como “*não metropolitanos*”, que é uma limitação, devido as especificidades e diferenciações dos diversos territórios, mas que não foi objetivo de discussão da presente revisão.

Assim, como indicações para futuras pesquisas, uma Revisão de escopo sobre o fenômeno discutido nesse texto pode ampliar e aprofundar o que se começou a problematizar a partir daqui. Outro caminho interessante é empreender pesquisas de cunho quantitativo a partir de dados primários com base no Modelo do estresse de minorias. Apresentando assim dados de contextos mais localizados, como as cidades pequenas e interioranas, a fim de promover mais soluções para as problemáticas desse grupo minoritário, principalmente em relação às possíveis barreiras de acesso à saúde enfrentadas por essa população.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

S.M.J.V contribuiu para a conceitualização e investigação e fez a redação inicial do artigo (rascunho); E.C.S foi responsável pela supervisão do texto; S.M.J.V e E.C.S são os responsáveis pelo delineamento metodológico do manuscrito e pela redação final (revisão e edição).

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo investimento em pesquisa e oportunidade de produzirmos ciência no Brasil.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, G. A., Parente, J. S., Belém, J. M., & Garcia, C. de L. (2016). Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde Em Debate*, 40(109), 100–111. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610908>
- Almeida-Segundo, D. S., Vilanova, F., & Pizzinato, A. (2021). Diversidade sexual e de gênero: abordagens em Psicologia política. In Ramos, M. M., & Cerqueira-Santos, E. (Orgs.). (2021). *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual* (pp. 63-89). Dialética.
- Anzolin, B., & Moscheta, M. dos S. (2019). Sentidos sobre Diversidade Sexual e o Trabalho de Psicólogas na Atenção Básica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(3), 206-221. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228644>
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2014). Reflexões Epistemológicas sobre o SUS e Atuação do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(3), 745–760. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001052013>
- Brooks, V. R. (1981). *Minority stress and lesbian women*. Lexington, Mass: Lexington Books.
- Cardoso, C. S. R., Delgado, J. H. M., Couto, F. F., & Carrieri, A. P. (2022). Coming Out e Homofobia no Trabalho: Experiências em Montes Claros-MG. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 22(1), 1920-1928. <https://doi.org/10.5935/rpot/2022.1.21287>
- Carvalho, K. G. de, Veloso, L. U. P., Ferraz, M. M. M., Monteiro, C. F. de S., Barbosa, N. S., & Lima, A. C. de B. S. (2019). Comportamento suicida em minorias sexuais: prevalência e fatores associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11(14), 1-9. <https://doi.org/10.25248/reas.e867.2019>
- Cerqueira-Santos, E., Azevedo, H., & Ramos, M. (2020). Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 7-21. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3523>
- Cerqueira-Santos, E. (2021). Sexualidade humana: uma leitura a partir da psicologia do desenvolvimento In: M. M. Ramos & E. Cerqueira-Santos (Eds.), *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual*. pp 19-34. Editora Dialética.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-15>
- Costa, A. B., Fontanari, A. M., & Zoltowski, A. P. (2022). Como escrever um artigo de revisão sistemática: um guia atualizado. In Sampaio, M. I. C., Sabadini, A. A. Z. P., & Koller, S. H. (Orgs.). *Produção Científica: um Guia Prático* (pp.130-165). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Domingues, B. R. C., & Gontijo, F. (2021). Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. *Ilha Revista De Antropologia*, 23(3). <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e74075>
- Estrázulas, M. D. de M. & Morais, N. A. de. (2019). A Experiência Religiosa/Espiritual de Lésbicas, Gays e Bissexuais: Uma Revisão Integrativa de Literatura. *Psic.: Teor. e Pesq.* 35, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35436>
- Ferrari, A., & Barbosa, J. G. C. de V. (2014). Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 8(11), 212-236. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6550>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 16, ISSN 1983-7364. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Franch, M., & Nascimento, S. (2020). A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018). *BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (92), 1–29. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/506>
- Franco, N., & Salvador, N. R. C. (2020). "Todo mundo tá sempre tomando conta da vida dos outros": vivências e trajetórias LGBTQIA+ em contextos interioranos. *Revista debates insubmissos*, 3(9), 253-282. <https://doi.org/10.32359/debin2020.v3.n9.p253-282>

- Gontijo, F. (2024). Por uma antropologia antinormativa, pública e comprometida: algumas considerações sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Amazonica - Revista de Antropologia*, 15(2), 50-72. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v15i2.14972>
- Gontijo, F. (2017). As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. *Ciência e Cultura*, 69 (1), 50-53. <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100017>
- Gontijo, F., Domingues, B., & Erick, I. (2016). As experiências da diversidade sexual e de gênero em quilombos do nordeste e do norte do Brasil: para início de conversa. *Amazonica - Revista de Antropologia*, 8(1), 62-89. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v8i1.4725>
- Gontijo, F., & Erick, I. (2017). Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 2(4), 24-40. <https://doi.org/10.48074/aceno.v4i7.4627>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *REGIC - Regiões de Influência das Cidades*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=perguntas-frequentes>
- Jubany, O., Langarita Adiego, J. A., & Mas Grau, J. (2021). "There is LGBTQ Life Beyond the Big City": Discourses, Representations and Experiences in Two Medium-Sized Spanish Cities. *Journal of Homosexuality*, 69(11), 1908-1927. <https://doi.org/10.1080/00918369.2021.1933787>
- Lira, K. F. S. de. (2018). Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 12(18), 140-170. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/13579>
- Martins, E., Rosa, R. M., Toneli, M. J., & Beiras, A. (2020). Cuidado de si, modos de vida e práticas de liberdade: o fazer-se gay em cidades pequenas. *Revista reflexões*, 9(16), 137-155. <https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2020/03/9.1-Dossi%C3%AA-Emerson-a.pdf>
- Mello, R. A. de, & Teo, C. R. P. A.. (2019). Psicologia: entre a Atuação e a Formação para o Sistema Único de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e186511, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003186511>
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of health and social behavior*, 36(1), 38–56. <https://doi.org/10.2307/2137286>
- Meyer, I.H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychol Bull.* 129(5), 674-697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Meyer, I. H., & Frost, D. M. (2013). Minority stress and the health of sexual minorities. In C. J. Patterson & A. R. D'Augelli (Eds.), *Handbook of psychology and sexual orientation*, 252–266. New York, NY: Oxford University Press.
- Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209-213. <https://doi.org/10.1037/sgd0000132>
- Moura, R., Nagamine, L., & Ferreira, G. (2021). *Regic: trajetória, variações e hierarquia urbana em 2018*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. <http://dx.doi.org/10.38116/td2666>
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., de Oliveira, W. A., & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 19(4), 664-670.
- Natividade, M., & Oliveira, L. (2009). Sexualidades Ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 2, 121-161. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludYSociedad/article/view/32>
- Natividade, M. (2006). "Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 21(61), 115-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000200006>
- Oliveira, M. B. de, & Barbosa, L. P. (2021) Lesbofobia, Homofobia, Bifobia e Transfobia no contexto escolar de Crateús e Sertão dos Inhamuns. *Revista De Ciências Sociais*, 52(3), 25–63. <https://doi.org/10.36517/rcs.52.3.d02>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S. ... David, M.. (2022). A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 31(2), e2022107. <https://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742022000200033>
- Paiva, P. H. A. S.. (2015). Arco-íris no campo: etnografia da "homossexualidade" masculina no ambiente rural. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 1(1), 75-95. <https://doi.org/10.9771/cgd.v1i1.13629>
- Parente, J. S., Moreira, F. T. L. dos S., & Albuquerque, G. A. (2018). Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. *Revista de Salud Pública*, 20(4), 445-452. <https://doi.org/10.15446/rsap.v20n4.62942>
- Passamani, G. R. (2016). Relacionamentos puros no tempo de antigamente: curso da vida e condutas homossexuais no Pantanal-MS. *ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 3(5), 171-188. <https://doi.org/10.48074/aceno.v3i5.3460>
- Passamani, G. R.. (2015). O casamento como "armário": histórias de um homem com conduta homossexual no pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, (21), 111–135. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.07.a>
- Paveltchuk, F. de O., & Borsa, J. C. (2020). A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Revista da SPAGESP*, 21(2), 41-54. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&tlng=pt
- Paz, D., Amazonas, M. C. L. De A., & Medrado, B. (2020). Revisão da Literatura Sobre Homofobia: Escolhas, Argumentos e Exercício Reflexivo em Pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e215726, 1-18. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003215726>

- Santos, D. K., & Teixeira Filho, F. S. (2014). Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 8(11), 177-210. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6549/5079>
- Saraiva, E. S., Uziel, A. P., & Cossul, D.. (2022). Paternidade gay: Algumas marcas do interior. *Psic. Clin.*, 34(3), 531-552. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0034n03A05>
- Silva, M. M. de L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3), 677-692. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-12>
- Silva, B. B., & Robinson, A. K. (2021). Estigma, homofobia e estresse de minoria: terminologias e concepções teóricas acerca do preconceito contra a diversidade sexual. In Ramos, M. M., & Cerqueira-Santos, E. (Orgs.). (2021). *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual* (pp. 185-208). Dialética.
- Souza, J. dos S., Marques, J. M., Scanavino, M. de T., Zamignani, D. R., & Costa, A. B. (2022). Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. *Perspectivas em análise do comportamento*, 13(1), 69-85. <https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>
- Tavares, M. K. B., Melo, R. L. P. de, Evangelista, D. R., & Silva, J. B. N. F.. (2022). Educação sexual e vulnerabilidade de usuários de aplicativos, comparações a partir da orientação sexual. *Acta Paulista De Enfermagem*, 35, eAPE01397, 1-9. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022A001397>
- Teixeira-Filho, F. S., & Rondini, C. A.. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde E Sociedade*, 21(3), 651-667. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011>
- Tota, M. (2021). A via-crúcis de Jonas no Sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual. *Cadernos Pagu*, (62), 1-17. <https://doi.org/10.1590/18094449202100620009>
- Vasconcelos, A. P. do N., & Costa, O. J. L. (2018). Os percursos e as vivências LGBT em Quixadá-CE. *Acta Geográfica*, 12(29), 19-32. <https://doi.org/10.18227/2177-4307.acta.v12i29.4837>
- Von Hohendorff, J. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: S. H. Koller, M. C. P. de Paula Couto, & J. Von Hohendorff (Eds.). *Manual de produção científica*, 39-54, Penso Editora. 191 p.

Recebido em: 10/09/2023

Primeira decisão editorial em: 19/06/2024

Aceito em: 16/07/2024